



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

UM CONTEXTO CERÂMICO TARDO- -ANTIGO DA CASA DO INFANTE (PORTO)

João Luís Veloso¹, Paulo Dórdio Gomes², Ricardo Teixeira³, António Manuel S. P. Silva⁴

RESUMO

No presente artigo damos a conhecer novos dados relativos à ocupação tardo-antiga e alto-medieval da cidade do Porto através da análise de um contexto estratigráfico selado da Casa do Infante. Este consiste num poço abandonado, do qual se recolheu um conjunto cerâmico diversificado, com relativa homogeneidade cronológica. Entre as diversas produções cerâmicas, identificou-se Terra Sigillata Africana da forma Hayes 52B, assim como envases *Late Roman Anfora* 1. Associando-se estas importações a um copioso conjunto de cerâmica comum de diversas procedências, atribui-se este contexto ao 1º terço do século V.

A partir destes dados procuramos refletir acerca de como a cidade de *Portucale* se inseria na malha de relações comerciais do Noroeste Peninsular no quadro da transição para o seu período Suevo-Visigótico.

Palavras-chave: Arqueologia Urbana; Contactos Comerciais; Período Suevo-Visigótico; Cerâmica Comum; *Terra Sigillata* Tardia.

ABSTRACT

In this paper new data is presented, concerning the Late Antique and Early Medieval occupation of the city of Porto through the analysis of a sealed stratigraphic context of “Casa do Infante”: an abandoned well, from which a diversified ceramic assemblage, with fairly homogenous chronology, was retrieved.

Among the diverse ceramic productions, an African Red Slip Ware Hayes 52 bowl was identified, as well as *Late Roman 1* Amphorae. Through the association of these imports with a copious group of coarse wares of diverse origins, this context was attributed to the first third of the 5th century.

On the basis of these data this paper strives to reflect on how the city of *Portucale* was inserted into the network of commercial relations in the Peninsular Northwest on the eve of the transition to its Suevi-Visigothic period.

Keywords: Urban Archaeology; Commercial Contacts; Suebi-Visigothic Period; Coarse Ware; Late Roman Slip Ware.

1. INTRODUÇÃO

O complexo arqueológico da Casa do Infante permanece um núcleo incontornável do património histórico da cidade do Porto. O conjunto arquitetónico, objeto de uma das mais longas e extensivas escavações feitas na cidade do Porto (1990-2002), celebrou-se por nele se ter colocado a descoberto uma sequência estratigráfica com mais de 1500 anos, de que so-

bressaem fases de ocupação correspondentes a dois momentos particularmente icónicos da história da cidade: a instalação de cronologia baixo-medieval dos edifícios da Casa da Moeda e da Alfândega Régia (que ainda hoje delimitam o seu espaço), e, subjazendo a estes, uma parcela da ocupação romana da zona ribeirinha da cidade, sobre a qual nos debruçaremos neste trabalho.

Volvidas três décadas sobre os trabalhos de escava-

1. IEM – Instituto de Estudos Medievais; projeto CERPOR (CITCEM-CMP); Bolseiro de Doutoramento FCT com a ref. UI/BD/150927/2021 / joaveloso.arch@outlook.pt

2. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória / pdordio@gmail.com

3. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória; Arqueologia e Património, Lda. / ricardotxa@gmail.com

4. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (UP); projeto CERPOR (CITCEM-CMP) / amspsilva@hotmail.com

ção que primeiro puseram a descoberto os seus célebres pavimentos de mosaico, levamos hoje a cabo uma apreciação mais aprofundada de algum do espólio cerâmico tardo-antigo e alto-medieval exumado deste complexo, desenvolvida em paralelo com a investigação de doutoramento atualmente levada a cabo por um dos signatários⁵.

Trazemos a este encontro um contexto selado – um poço desativado – situado no extremo sudoeste das ruínas arqueológicas romanas da Casa do Infante, no qual se recolheram copiosos fragmentos de cerâmica em distintos graus de preservação. Como veremos, o espólio apresenta uniformidade cronológica, remontando à tardo-antiguidade. No seu conjunto atestou-se uma larga variedade de formas, fabricos e proveniências.

Propomo-nos a dois objetivos. Numa primeira instância, a alargar o conhecimento da sequência de ocupação do sítio arqueológico da Casa do Infante, através da adição de mais um contexto à já complexa leitura da sua estratigrafia. Em segundo lugar, não será inadequado tecer algumas considerações sobre os laços comerciais da cidade do Porto durante o ocaso da dominação romana na Península Ibérica. Nas últimas décadas, tem-se verificado uma verdadeira revolução no que concerne as relações comerciais do Noroeste Peninsular durante a Tardo-Antiguidade e os começos da Alta Idade Média. É hoje geralmente aceite que, dissolvido o Império Romano do Ocidente, sobreviveram-lhe rotas comerciais que uniam o Mediterrâneo Oriental e o Norte de África aos territórios das províncias mais ocidentais (Duggan, 2018; Fernández Fernández, 2014).

Em centros de consumo atlânticos, têm-se reconhecido quantidades nada negligenciáveis de *terra sigillata* e de ânfora tardias, em contextos estratigráficos que atingem, inclusivamente, a primeira metade do século VII. Em Bordéus, concretamente, discriminaram-se duas camadas de ocupação atribuíveis aos séculos VI e VII, nas quais se constatou a manutenção da chegada à costa ocidental da Gália de *terra sigillata* africana e focense (Bonifay, 2012). Esta rota atlântica vogaria em direção a destinos

5. Veloso, J. L. – *Comércio, Produção e Consumo na Alta Idade Média (400-1100): Uma abordagem através do registo arqueológico da cidade do Porto*. Tese em desenvolvimento na NOVA-FCSH sob a orientação científica dos Professores Doutores Catarina Tente, Adolfo Fernández Fernández e Maria João Branco.

ainda mais setentrionais, atingindo, inclusivamente as Ilhas Britânicas (Campbell, 2007; Duggan, 2013, 2016, 2020).

Relativamente à província da Galécia, são numerosos os materiais norte-africanos e, mais sugestivamente, orientais, identificados nos contextos tardios da capital de *Bracara Augusta* (Delgado, 1988; Delgado et al., 2014; Quaresma & Morais, 2012).

De todos os centros de consumo do Noroeste Peninsular, contudo, o mais ilustrativo será o da ria de Vigo, publicado em Fernández, 2014. A quantidade e singularidade do espólio exumado naquela área estuarina permitiu que se definissem três horizontes cronológicos bastante acurados, estabelecidos entre meados do século IV e princípios do VII (Idem, pp. 128-132).

Regressando à cidade que nos diz respeito, o conhecimento de *Portucale* na transição da Antiguidade para a Alta Idade Média (Silva & Real, 2022) conta ainda com numerosas lacunas, sem dúvida por o conhecimento da própria cidade romana ser também muito fragmentário, como recentemente foi reconhecido em trabalho de fundo (Silva, 2021, pp. 553-555).

Entre as idiossincrasias da *Cale/Portucale* romanas, demarca-se o reduzido perímetro amuralhado – coincidente com o do povoado proto-histórico antecedente – o qual, segundo as estimativas mais atualizadas, rondaria apenas os 3,5 ha (Silva, 2010, pp. 232). É notória igualmente neste *uicus* comercial a falta de equipamentos públicos, nomeadamente de um *forum*, como crê J. Alarcão (2019, p. 8), cuja existência, todavia, não é suportada nem pela topografia urbana nem por quaisquer vestígios epigráficos ou monumentais, ainda que tenha sido admitido, como possibilidade ainda não comprovada arqueologicamente, que na área da atual Praça do Infante D. Henrique pudesse ter existido, em época romana, uma área aberta, porventura para funções comerciais (Real & Silva, 2018, pp. 205-206; Silva, 2021, pp. 564-569), de certo modo a meio caminho entre o núcleo primitivo do Morro da Penaventosa⁶ e a urbanização ribeirinha do atual quarteirão da Casa do Infante. Já quanto à existência de uma área termal são mais

6. “Morro da Sé”, a designação também comumente atribuída a este espaço é, para o período cronológico sobre o qual nos debruçamos, um anacronismo, uma vez que o contexto aqui apreciado antecede a construção da sé episcopal. Assim sendo, como noutros trabalhos, adotámos o topónimo “da Penaventosa”, seguindo a A. M. Silva (2021) e Veloso (2021), aliás patente em fontes medievais, que não levanta problemas de precisão.

consistentes os indícios, ainda que indiretos e também sem confirmação arqueológica até hoje (Silva, 2021, pp. 566-569).

2. O SÍTIO E O CONTEXTO

Como se disse, a identificação de expressivas ruínas tardo-romanas nas escavações da Casa do Infante, constituiu, à época, absoluta novidade, sobretudo por permitir a reconstituição planimétrica, ainda que parcial, de uma residência urbana de certo destaque, um vasto edifício (Fig. 3) com vários compartimentos, datável dos séculos IV-V/VI, onde apareceram os primeiros pavimentos musivos do *uicus* romano de *Cale/Portucale* (Gomes, 2011, 2019; Silva, 2021, pp. 552-560).

A reconstituição em planta das ruínas evidenciou restos de várias construções romanas (Gomes, 2011, p. 838), sobressaindo um edifício de grandes dimensões, de orientação urbana significativamente diversa da medieval e moderna do quarteirão. Trata-se de uma habitação de orientação NO./SE., com dimensões visíveis de cerca de 24 por 20 metros, aparentemente estruturada em torno de um pátio central lajeado a granito, rodeado por quatro alas sensivelmente modulares (*Idem*, p. 839). Na ala norte deste edifício, dois dos compartimentos conservavam restos de pavimentos forrados com mosaicos, cujo estudo iconográfico sugeriu uma datação entre a 2.^a metade do século IV e a 1.^a da centúria seguinte (Gomes, 2011, 2019). O edifício prolongava-se, para sudeste, até perto da margem do rio Douro, possuindo nessa fachada, para vencer o desnível topográfico, vários pilares (Gomes, 2011, p. 839) que sugerem a existência de dois ou três pisos.

No período tardo-antigo, esta construção deverá ter estado relacionada com funções de poder político ou fiscal, como decorre do achado, durante as escavações, de duas raras *siliquae* suevas em prata, cunhadas por ordem do rei Requiário, entre os anos de 448 e 456 (Mendes-Pinto, 1999, p. 413; Barroca, 2017, pp. 36-38; Silva, 2017), e de um ponderal em bronze (Barroca & Silva, no prelo).

O contexto agora estudado localiza-se no extremo sudoeste da Casa do Infante, já no exterior do espaço da Alfândega Medieval, mais propriamente a Poente da Torre Sul. O local corresponde a uma casa de gaveto da Rua da Alfândega com a Rua da Fonte Taurina, onde teve sede o *Comissariado para a Renovação Urbana da Ribeira Barredo (CRUARB)*, a qual sucedeu

a uma casa quinhentista, conhecida pela Casa da Janela de Canto da Reboleira ou da Quinta da Aveleda, demolida por 1880-1887 para dar origem ao atual edifício. A casa era então propriedade de Thomas Glas Sandeman (Gomes & Teixeira, 2020-2021).

No âmbito das escavações arqueológicas que tiveram lugar em momento prévio à obra de reabilitação do Arquivo Histórico Municipal instalado na Casa do Infante, realizou-se neste local uma primeira sondagem em setembro de 1994. Esta intervenção identificou, sob o pavimento lajeado ainda em uso, um aqueduto já desativado de grande dimensão em alvenaria de pedra, com origem no ângulo NE da casa, adossado à parede Oeste da Torre Sul da Alfândega Medieval e com sentido Norte/Sul. A construção desta estrutura implicou o desaparecimento do arranque da vala de fundação da parede da Torre Sul da Alfândega Medieval, mas também da estrutura superior de um poço que se viria a identificar como de época romana e que se posicionava imediatamente sob as paredes laterais do referido aqueduto, escavado no saibro de base (UE 8008).

Os sedimentos no interior daquele poço viriam a ser escavados apenas em fevereiro de 2000 correspondendo-lhe as UE 9579 a 9583. O interior do poço foi escavado por Unidades Estratigráficas artificiais com 1 m de espessura até ao fundo do mesmo aos 4 m (UE 9580, UE 9581, UE 9582, UE 9583). O enchimento é constituído por pedras, algumas com talhe romano, e abundante material de construção, do tipo *tegula* e *imbrex*, e de *dolium*. A grande maioria do espólio foi identificada nas camadas mais profundas, o que nos sugere não ter havido remeximentos de maior, correspondendo, portanto, a posição dos materiais à sua deposição natural.

3. OS MATERIAIS CERÂMICOS

Contabilizaram-se neste contexto 513 fragmentos cerâmicos. Tal como já verificáramos em outros contextos arqueológicos da cidade (Veloso, 2020; 2021), o espólio apresentava-se gravemente fragmentado. Isto não é surpreendente, visto tratar-se de um contexto urbano, numa área cuja ocupação intensiva implicou numerosos revolvimentos de terras e intrusões no subsolo. Apenas nos foi possível discriminar 21 indivíduos neste conjunto. Por outras palavras, pouco mais de 4% dos fragmentos considerados neste trabalho possibilitaram a identificação das suas formas originais (*cf.* Tabela 1).

Não obstante este contexto poder ser, *prima facie*, pouco aliciante, duas características da coleção cerâmica motivaram-nos a demorarmo-nos no seu estudo. Em primeiro lugar, moveu-nos o facto de ser um contexto selado, com considerável homogeneidade no respeitante à cronologia do espólio. Esta é uma característica pouco frequente no registo arqueológico portuense, uma vez que o desenvolvimento urbano provocou, inevitavelmente, unidades estratigráficas permeáveis, com elevadas percentagens de material residual e, não raramente, difícil leitura sequencial.

Para além disto, cedo nos apercebemos de que, não obstante o *facies* cerâmico ser constituído eminentemente por restos de bojós, estes fragmentos apresentavam características – nomeadamente decorativas – que possibilitavam a identificação da sua proveniência. Assim sendo, estamos perante o tipo de contexto que raramente encontramos em solo urbano: um contexto fechado representativo de um intervalo cronológico relativamente restrito e que, além do mais, aduz novos elementos à interpretação das relações comerciais da cidade, nomeadamente respeitantes às suas importações.

Dividimos o espólio em três categorias: cerâmica comum, cerâmica fina e cerâmica de transporte. Começamos pelo primeiro conjunto.

Entre as produções de cerâmica comum, o subgrupo mais numeroso (184 fragmentos) é o da **cerâmica comum grosseira**, produzida, provavelmente, na capital provincial de *Bracara Augusta*. Apresenta pastas não muito depuradas, granulares, e com frequentes inclusões. Supõe-se que a sua argila fosse extraída na região de Prado/Ucha, a cerca de 14 km da capital da província da Galécia. Entre os fragmentos desta produção, individualizaram-se 2 potes/panelas e 1 *dolium*. Supõe-se que 60 a 90% destas produções se destinassem ao armazenamento/transporte, confeção e consumo de alimentos (Delgado & Morais, 2009, p. 81), pelo que as formas aqui identificadas não suscitam surpresa.

A cronologia de produção deste subgrupo é bastante alargada, principiando na viragem do milénio e prolongando-se além do Baixo Império. Relativamente às suas manifestações mais tardias, tenha-se em conta a frigideira proveniente das termas de Braga “posterior ao século V” (Delgado & Morais, 2009, fig. 252). *Pari passu* com as suas congéneres grosseiras, registaram-se 47 fragmentos de **cerâmica comum fina** no interior do poço. Estas distinguem-se daquelas

por apresentarem pastas, de resto idênticas, mais bem depuradas e com acabamentos de maior qualidade. Individualizaram-se neste grupo 5 potes/panelas. As importações bracarenses incluem também peças ostentando tratamentos de superfície e decoração, entre as quais merecem especial destaque as **cerâmicas pintadas** (13 fragmentos). Ainda que não nos tenha sido possível reconstituir inequivocamente a forma de nenhuma destas peças, diferenciámos duas colagens particularmente ilustrativas, de perfil hipoteticamente globular. São decoradas com bandas horizontais, de cor vermelha e branca. Constatou-se em Braga que a pintura a branco surge nestas peças em contextos posteriores ao último quartel do século IV, sempre associada a bandas vermelhas (Delgado & Morais, 2009, p. 37).

Registou-se a ocorrência de produções de **engobe vermelho e branco** em números muito pouco expressivos (19 e 5 fragmentos, respetivamente). Individualizou-se, contudo, um prato de engobe vermelho. *Bracara Augusta* não seria, apesar do exposto, o único fornecedor dos envases usados quotidianamente na cidade do Porto. Registou-se, paralelamente a essas produções, uma quantidade considerável de cerâmica comum, cujo centro produtor não nos é possível precisar, mas que deduzimos ser de **produção local ou regional**. Com efeito, é deste conjunto que provém a maioria das peças integrantes do NMI. Individualizaram-se 3 potes/panelas, 3 tigelas e 1 alguidar. A estas formas mais comuns acrescentamos ainda um recipiente “anforiforme” eventualmente destinado conter líquidos, bem como uma forma aberta, semelhante a um alguidar, também local/regional. É digno de nota procederem deste conjunto os únicos indivíduos de que se preservou a totalidade do perfil.

O último subgrupo de cerâmica comum distingue-se das demais por apresentar pastas muito granulares, com frequentes inclusões de micas e coloração escura. Apresenta cozedura redutora, frequentemente incerta, com matizes acastanhados e cinzentos. Denominámo-la **Cerâmica Comum Micácea de Tradição Indígena** por se assemelhar às produções castrejas do Noroeste Peninsular, tanto em morfologia como em tecnologia de manufatura. Trabalhos recentes (Fernández Fernández e Bartolomé Abairra, 2016) têm demonstrado como esta produção vive um verdadeiro *floruit* em meados do século V, sendo frequente em contextos do século VI e de princípios do VII. Regressaremos à questão da sua data-

ção no próximo capítulo. Para já bastará referir que se individualizaram entre os seus 55 fragmentos um pote-panela e um potinho de reduzidas dimensões, formas, aliás, paradigmáticas desta manufatura, destinadas às tarefas de cozinha e armazenamento.

A cerâmica comum constitui a maioria do conjunto cerâmico, mas, como referimos, acompanham-na cerâmicas finas e de transporte.

O grupo das cerâmicas finas apresentava-se muito fragmentado, o que dificulta a identificação das suas formas. Diferenciaram-se, sem que tenha sido possível a sua reconstituição morfológica, 15 bojos de cerâmica cinzenta fina e da chamada *cerâmica bra-careense*. Esta última demarca-se por ser executada com pasta caulínica muito depurada, de cor creme claro, distinta das produções de Ucha/Prado, com paredes finas e superfície revestida por um engobe alaranjado ou salmão. Esta produção remonta predominantemente ao Alto Império, razão pela qual estranhámos a sua presença num conjunto, de outro modo, bastante mais tardio.

Um elemento diretor bastante relevante para a interpretação deste contexto é um bordo de *terra sigillata* africana, do tipo Hayes 52B, realizada em fabrico D1. É uma pequena tigela com aba ligeiramente oblíqua. Esta forma é característica do século IV, com sobrevivência em princípios do V. Sendo este um exemplar de maiores dimensões (Ø 22 cm), é provável que seja uma forma tardia. Na face superior da aba, preservou-se decoração aplicada, representando um zoomorfo. Ainda que a sua leitura não seja clara, e parte da imagem se tenha fragmentado, parece-nos representar um felino ou mastim numa possível *venatio*, tema já reconhecido por J. W. Hayes na sua obra de referência (Hayes, 1972, pp. 76-78).

Se o conjunto de cerâmica fina era pouco representativo, esta descrição é duplamente verdade para a cerâmica de transporte. Com efeito, estes materiais surgem no contexto arqueológico muito rolados, sem que seja fácil determinar a sua forma. Isolaram-se, todavia, duas paredes de *Late Roman Amphora* 1. Este contentor, produzido na Cilícia e na ilha de Chipre, teve uma longa vida de produção, remontando os seus exemplares mais precoces a meados do século III e prolongando-se até meados do século VII. O seu verdadeiro ímpeto de exportação para Ocidente, contudo, regista-se a partir da segunda metade do século IV.

4. O CONTEXTO E RELAÇÕES COMERCIAIS DA CIDADE

A relativa uniformidade cronológica do espólio, aliada ao facto de este surgir sobretudo nas unidades estratigráficas de cota mais reduzida, sugere que o processo de aterro terá sido, em toda a probabilidade, um acontecimento único, deliberado. Importa determinar, antes de mais, quando se terá processado esta desativação. O indivíduo de *terra sigillata* africana Hayes 52B, que atribuímos a finais do século IV/princípios do século V, é um bom ponto de partida, mas será necessário articulá-lo com os outros materiais aqui considerados para que se obtenha uma datação mais precisa.

No que diz respeito a outras mercadorias importadas a longa distância, a *terra sigillata* é aqui acompanhada pelos dois fragmentos de ânfora LRA 1. A sua presença é insipiente, mas não insignificante, uma vez que estes contentores, que serão predominantes na segunda metade do século V e ao longo do século VI, fazem a sua primeira aparição no Noroeste Peninsular em princípios do século V.

Igualmente sugestiva é a presença, também em número reduzido, das Cerâmicas Comuns Micáceas de Tradição Indígena. Originalmente interpretadas como manufaturas locais do entorno de Vigo, sabe-se hoje que tiveram uma difusão muito mais alargada, não sendo consensual, todavia, a localização do seu centro produtor. Apesar de estas poderem ser facilmente confundidas com as manufaturas castrejas pré-romanas, as reflexões mais recentes fazem remontar a sua primeira aparição ao primeiro terço do século V (Fernández Fernández e Bartolomé Abreira, 2016, pp. 96-100).

Posto isto, ainda que a longa vida de produção da forma Hayes 52 nos pudesse levar a recuar a datação do contexto a um momento mais precoce do Baixo Império, a presença das ânforas orientais e das cerâmicas micáceas obriga-nos a remetê-la, no mínimo, ao primeiro terço do século V.

O estudo dos demais envases aduz um outro elemento importante a esta discussão: um *terminus ante quem*. Por volta das décadas centrais do século V, observa-se no Noroeste Peninsular uma verdadeira viragem no que diz respeito às técnicas de fabrico e acabamento da cerâmica comum. Envases tradicionalmente executados com cozedura oxidante dão lugar a produções de cozedura redutora e acabamentos cinzentos, como é o caso das chamadas

cinzentas tardias de Lugo e Braga. Os especialistas defendem que este processo terá tido começo no 2º terço do século V, para se consolidar na sua segunda metade (*Idem, ibidem*, p. 74).

Tomando-se em consideração toda a cerâmica comum aqui apreciada, deparamos com a razão de 339 fragmentos de cozedura oxidante para 118 de redutora, o que significa que estas últimas constituem pouco mais de 25% do conjunto.

Este contexto ter-se-á formado, assim sendo, entre o começo do século V e a generalização das produções redutoras, em meados da centúria.

A existência de materiais Alto-Imperiais no interior do poço não significa, necessariamente, que o seu abandono se tenha processado ao longo de séculos. A *cerâmica bracarense*, a mais precoce produção que identificámos, restringe-se a 15 fragmentos de bojo, de pequenas dimensões, que nada impede de pertencerem a um só indivíduo. Interrogamo-nos se não poderão corresponder a um jarro ou recipiente semelhante, que tenha caído por acidente no interior do poço e lá ficado perdido, séculos antes da sua desativação.

As razões por detrás do aterro são mais difíceis de inferir. Será porventura tentador relacionar o abandono com o clima de instabilidade política e social vivida no Noroeste Peninsular nas décadas iniciais do século V – promovido não só pela entrada de Suevos, Vândalos e Alanos na Hispânia entre 409 e 411, mas também pela guerra civil que a precedeu, consequente das usurpações de Constantino III e Máximo. Ainda que a datação do contexto coincida com estes acontecimentos, nenhum dos dados expostos, contudo, aponta para que o poço tenha sido inutilizado numa conjuntura de destruição generalizada.

A implantação e consolidação do “*Regnum Sueborum*” no território da antiga província da Galécia é um processo complexo, com mais subtilezas do que a leitura acrítica da *Crónica* de Idácio de Chaves talvez possa suscitar. Os dados arqueológicos demonstram que a chegada dos Suevos pode não ter sido, para *Portucale*, um acontecimento calamitoso. O prato de sigillata africana de tipo Hayes 104C identificado no arqueossítio da rua de D. Hugo, nº 5 (Veloso, 2021, p. 69), comprova que em finais do século VI, a comunidade mantinha ainda ligações comerciais com o Norte de África.

É possível que o poço tenha sido encerrado no âmbito de uma reestruturação do espaço que não implica necessariamente um episódio de destruição

indiscriminada ou de abandono. Aliás, as já referidas *silliquae* exumadas também na Casa do Infante, cunhadas em nome do rei Requiário, sugerem que este espaço manteria alguma importância no quadro administrativo ou político da monarquia sueva.

A diversidade de produções cerâmicas localizadas no interior do poço demonstra-nos como o “*Portucale castrum antiquum*” não se encontrava isolado no território. Não é de todo surpreendente a predominância de importações chegadas de Bracara Augusta, sendo esta capital da província romana e, depois, sede régia sueva.

Não obstante a redução de importações mediterrâneas constatada nos decénios centrais do século V, a chegada dos Suevos a este território não ocasionou o decesso absoluto das relações comerciais a longa distância. Aliás, a segunda metade do século V e o século VI caracterizam-se por uma revitalização das ligações comerciais com o Mediterrâneo, patente na explosão no Noroeste Peninsular de materiais orientais, tais como sigillata focense e cipriota (Fernández Fernández, 2014).

Estamos, portanto, perante um contexto bastante significativo para a reconstrução do passado da cidade do Porto, uma vez que constitui uma janela de observação privilegiada para o ocaso do domínio romano do seu território. Situa-se justamente nas vésperas da constituição do *Regnum Sueborum* e da entrada da cidade no seu período medieval.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. (2019) – O nome e os lugares de Portucale. *Revista de Portugal*. Vila Nova de Gaia. 16, pp. 8-15.

BONIFAY, M. (2012) – “Les céramiques sigillées africaines et phocéennes tardives” in Maurin, L. (ed.), *Un Quartier de Bordeaux du I au VIII siècle. Les fouilles de la Place Camille-Jullian 1989-1990*. Ausonius, Bordeaux, pp. 251-258.

BARROCA, Mário J. (2017) – Os seis exemplares da *Silique* de Requiário. *Nummus*, 2ª série, 40, Porto, pp. 29-45.

BARROCA, Mário J.; SILVA, António Manuel S. P. (no prelo) – Um ponderal altomedieval na Casa do Infante (Porto). In Atas do VI Congresso Nacional de Numismática (Porto, 2022). Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática.

CAMPBELL, E. (2007) – *Continental and Mediterranean Imports to Atlantic Britain and Ireland, AD 400-800*. York: Council for British Archaeology.

DELGADO, M. (1988) – Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal. *Cadernos de Arqueologia*, série II, 5, pp. 35-49.

- DELGADO, M.; MORAIS, RUI (2009) – *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Porto: CITCEM.
- DELGADO, M.; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A.; QUARESMA, J. C. e MORAIS, R. (2014) – Una aproximación a la terra sigillata africana de *Bracara Augusta* (Braga, Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 43, pp. 671-680.
- DUGGAN, M. (2013) – “A Late Roman 1 amphora recovered off Cawsand, Plymouth Sound. *Cornish Archaeology*, 52: 239-245.
- DUGGAN, M. (2016) – “Ceramic Imports to Britain and the Atlantic Seaboard in the Fifth Century and Beyond”. *Internet Archaeology* 41.
- DUGGAN, M. (2018) – *Links to Late Antiquity. Ceramic exchange and contacts on the Atlantic Seaboard in the 5th to 7th centuries AD*. BAR Publishing, Oxford.
- DUGGAN, M. (2020) – “Britain in the Atlantic: Late Antique ceramics and connections” in M. Duggan, S. Turner, and M. P. C. Jackson (eds), *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and Early Medieval Imported Pottery on the Atlantic Seaboard*. Archaeopress, Oxford: 13-24.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. (2014) – *El Comercio Tardoantiguo (ss. IV-VII) en el Noroeste Peninsular a través del registro cerámico de la Ría de Vigo*. Oxford: Archaeopress.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A.; BARTOLOMÉ ABRAIRA, R. (2016) – Cerâmicas tardoantigas do Noroeste de la Península (Galicia y norte de Portugal): entre la importación y el artesanado local/regional (ss. V-VII). In A. Vigil-Escalera Guirado e J. A. Quirós Castillo (coord.) – *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X)*. Bilbao: Euskal Herriko Unibertsitatea, pp. 69-111.
- GOMES, Paulo Dordio; TEIXEIRA, Ricardo (2020-2021) – *Relatório da sequência estratigráfica da escavação arqueológica da Casa do Infante, Porto (1991-2002)*. Porto: s.e. Texto datilog.
- GOMES, Paulo Dordio (2011) – Os Mosaicos da Casa do Infante e o contexto urbano na zona ribeirinha do Porto. In *O mosaico romano nos centros e nas periferias: originalidades, influências e identidades: actas do X Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIE-MA)*, Museu Monográfico de Conimbriga (...) 2005. Lisboa: Inst. Museus e Conservação, pp. 837-47.
- GOMES, Paulo Dordio (2019) – II-4.3. Mosaicos do eixo do Douro. Mosaicos 82-83. Porto: Casa do Infante. In ABRAÇOS, Fátima (coord.) – *O Corpus dos mosaicos romanos do Conuentus Bracaraugustanus*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Univ. Nova de Lisboa, pp. 209-220 [= GOMES, 2011, com pequena atualização].
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- MENDES-PINTO, José M. (1999) – Circulação monetária em torno a *Cale* no Baixo Império. In CENTENO, Rui M. S. et al., coord. (1999) – *Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania* [Anejos Archivo Español de Arqueología, XX]. Madrid: CSIC, pp. 401-413.
- QUARESMA, José C. & MORAIS, Rui (2012) – Eastern Late Roman Fine Ware Imports in *Bracara Augusta* (Braga, Portugal). *REI CRETARIAE ROMANAE FAUTORUM ACTA* 42, pp. 373-383.
- REAL, Manuel L.; SILVA, António Manuel S. P. (2018) – Portumcalem Castrum Novum na época sueva. In: LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585)*. El primer reino medieval de Occidente. Volumen de Estudios. Ourense: Deputación Provincial, pp. 205-210.
- SILVA, António Manuel S. P. (2010) – Ocupação da época romana na cidade do Porto. Ponto de situação e perspectivas de pesquisa. *Gallaecia*. 29 (2010). Santiago de Compostela, pp. 213-262.
- SILVA, António Manuel S. P. (2017) – 47, Siliqua de prata de Requiario / 48a, Siliqua de prata de Requiario [fichas de catálogo]. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585)*. El primer reino medieval de Occidente. Ourense: Deputación Provincial, p. 74-75.
- SILVA, António Manuel S. P. (2021) – *Cale e os Callaeci: territórios e comunidades na foz do rio Douro entre a Proto-história e a Romanidade*. Tese de Doutoramento em Estudos Culturais – Memória, Identidade, Território e Linguaxe apresentada à Universidade de Santiago de Compostela.
- SILVA, António Manuel S. P.; REAL, Manuel Luís (2022) – Arqueologia e História da cidade do Porto no período tardo antigo e altomedieval. *Arqueologia & História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 73. Lisboa, pp. 11-36.
- LÓPEZ QUIROGA, J. (coord.) – *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585)*. El primer reino medieval de Occidente. Ourense: Deputación Provincial, pp. 74-75.
- VELOSO, João Luís (2020) – “Portucalem Castrum Novum” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto). In *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão* – Textos, 1619-1625. Porto: FLUP-CITCEM.
- VELOSO, João Luís (2021) – *Ocupação e Consumos no Porto através do Arqueossítio da Rua de D. Hugo, nº 5 (séculos V-VIII)*. Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

ANEXO

Classe	Produção	Forma	C	B	A	P	F	TF	NMI
Cerâmica Comum	Local/Regional	Pote-Panela	0	2	0	0	3	5	3
		Tigela	2	1	0	0	0	3	3
		Alguidar	0	0	0	0	1	1	1
		Anforiforme	0	1	0	0	0	0	1
		Forma aberta ind.	1	0	0	0	0	1	1
		Ind.	0	2	1	113	6	122	-
	Comum Grosseira	Pote-Panela	0	2	0	0	2	4	2
		Dolium	0	1	0	10	0	11	1
		Ind.	0	1	3	163	2	169	-
	Comum Fina	Pote-Panela	0	0	0	0	5	5	5
		Ind.	0	0	0	42	0	0	-
	CCMTI	Pote-Panela	0	1	0	0	1	2	1
		Potinho	0	1	0	0	0	1	1
		Ind.	0	0	0	47	5	52	-
	C. Pintada	Ind.	0	2	0	11	0	13	-
	C. Engobe Vermelho	Prato	0	1	0	0	0	1	1
		Ind	0	0	0	18	0	18	-
	C. Engobe Branco	Ind.	0	0	0	4	1	5	-
Total C.C.			3	15	4	408	26	456	20
Cerâmica Fina	Terra Sigillata Africana	H52B	0	1	0	0	0	1	1
		Ind	0	0	0	3	0	3	-
	TS Ind.	Ind	0	0	0	5	0	0	-
	C. Bracarense	Ind	0	0	0	15	0	15	-
	C. Cinz. Fina	Ind	0	0	0	2	0	2	-
	C. Fina Ind.	Ind	0	0	0	15	0	15	-
Total C.F.			0	1	0	40	0	41	1
Cerâmica de Transporte	Ânfora Oriental	LRA 1	0	0	0	4	0	4	-
	Ânfora Africana	Ind.	0	0	0	1	0	1	-
	Ânfora Ind.	Ind.	0	0	0	10	1	11	-
Total C.T.			0	0	1	14	1	16	0

Tabela 1 – Cômputo geral dos fragmentos cerâmicos.

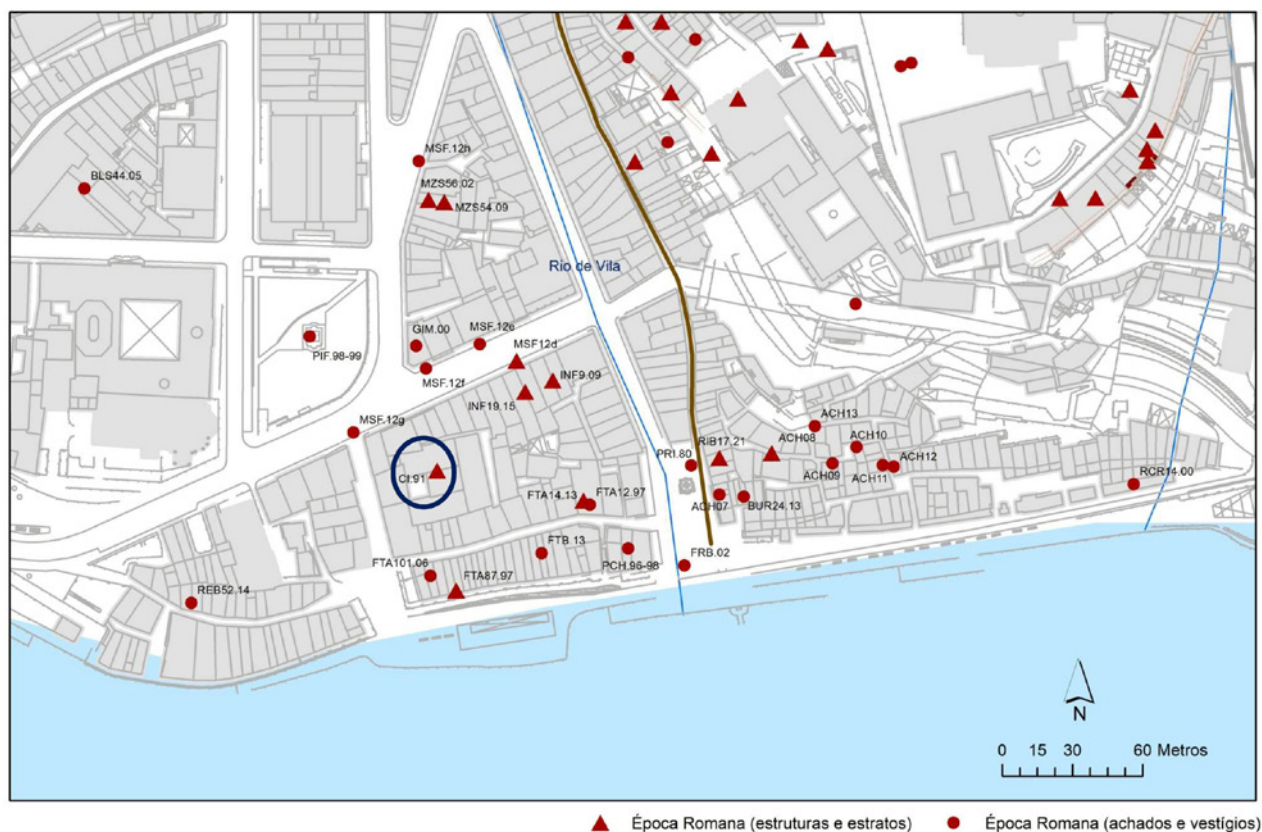


Figura 1 – Intervenções arqueológicas com vestígios de época romana na área do centro histórico do Porto envolvente à Casa do Infante (Silva, 2021).



Figura 2 – Planta das construções romanas identificadas na área da Casa do Infante, vendo-se o poço aqui estudado, à esquerda.
 Autoria: CMP/AHMP/Projeto Arqueológico da Casa do Infante.



Figura 3 – Um aspeto do poço romano, na altura da sua escavação, no ano de 2000. Autoria: CMP/AHMP/Projeto Arqueológico da Casa do Infante.

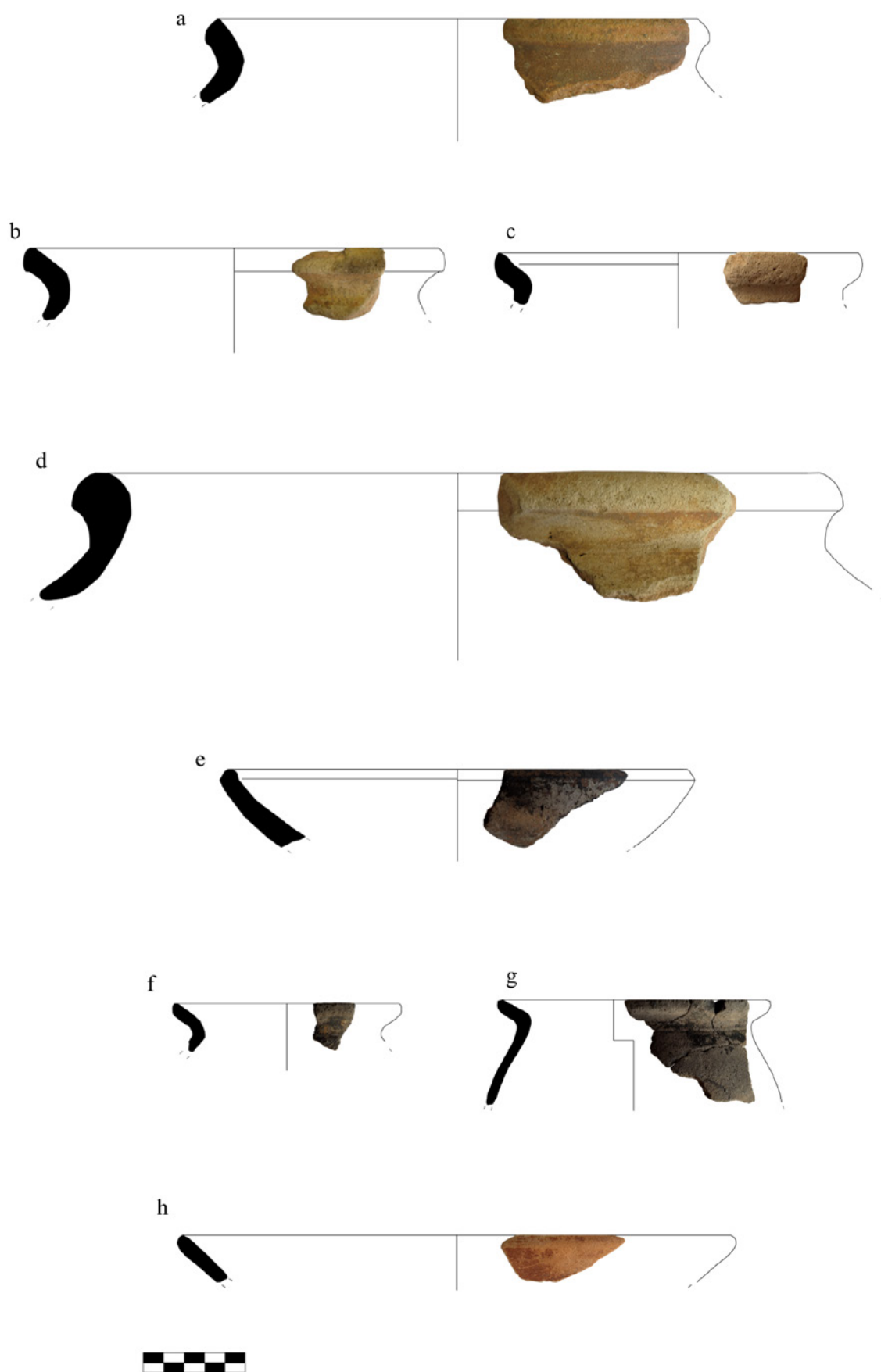


Figura 4 – Alguns recipientes de Cerâmica Comum. *Comum Grosseira*: potes-panels (a-c), *dolium* (d); *Local/Regional*: tigela (e); CCMTI: potinho (f) e pote-panela (g); C. Engobe Vermelho: tigela (h). Autoria: J. L. Veloso.



Figura 5 – Grupos de fabrico de Cerâmica Comum: A – Cerâmica Comum Grosseira; B – Cerâmica Comum Fina; C – Cerâmica Pintada; D – Cerâmica Comum Micácea de Tradição Indígena. Autoria: J. L. Veloso e M. Araújo/CMP/AHMP.



Figura 6 – Terra Sigillata Africana D1, Hayes 52B. Autoria: J. L. Veloso.



Figura 7 – *Cerâmica Bracaraense*. Autoria: J. L. Veloso e M. Araújo/CMP/AHMP.



Figura 8 – Fragmentos de *Late Roman Amphora 1*. Autoria: J. L. Veloso e M. Araújo/CMP/AHMP.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**